

*O Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB) e os estudos geolingüísticos no Brasil **

Jacyra MOTA

Universidade Federal da Bahia

Situando-se no quadro da geolingüística pluridimensional contemporânea e pretendendo ser um atlas de 3.^a geração, o ALiB vem propiciando a discussão de novos parâmetros metodológicos e incentivando o desenvolvimento de projetos de natureza dialectológica, sobretudo de atlas lingüísticos regionais.

Os procedimentos metodológicos a adotar e os instrumentos que devem ser utilizados para a recolha de dados em campo têm sido objeto de diversas reuniões científicas, com a presença dos membros do Comitê Nacional e com a participação de outros pesquisadores e de estudantes ligados à área de estudos dialectológicos.

Do ponto de vista metodológico, embora priorize a dimensão diatópica, como se requer de trabalhos desse tipo, o Projeto ALiB busca a inclusão de novos parâmetros como o diageracional, o diagenérico ou diassexual, o diastrático, o diafásico e o diarreferencial.

Para a depreensão da variação diatópica, conta-se com uma rede de 250 pontos que se distribuem, em sentido norte-sul, do Oiapoque, no Amapá (ponto n.º 1), ao Chuí, no Rio Grande do Sul (ponto n.º 250).

O estabelecimento da rede levou em consideração, prioritariamente, a densidade demográfica de cada região e de cada estado e a distribuição espacial dos pontos.

* Texto apresentado à XIX Jornada de Estudos Lingüísticos do Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste, realizada na Universidade Federal do Ceará, 4-6. set. 2002.

Para a escolha das localidades foi avaliada a proposta de Nascentes (1958), tendo-se chegado a cento e cinquenta e duas localidades coincidentes com os seiscientos e seis pontos por ele sugeridos.

Também a rede de pontos dos atlas regionais publicados foi levada em consideração, registrando-se quarenta e quatro casos de coincidência entre a rede desses atlas e a do ALiB.

Quanto às localidades escolhidas, deixando-se de priorizar critérios como antigüidade e grau de isolamento com relação a centros mais desenvolvidos na região, consideraram-se, além da distribuição espacial:

- a) a existência de zonas dialetais já delimitadas através de pesquisas anteriores, como, por exemplo, a do ‘falar baiano’, sugerida por Nascentes, em 1953, abrangendo os Estados de Bahia, Sergipe, parte setentrional de Minas Gerais, oeste de Goiás, e, na divisão atual do Brasil, parte do Estado de Tocantins, e confirmada, no que toca aos Estados de Bahia, Sergipe e Minas Gerais, pelos dados do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), do *Atlas Lingüístico de Sergipe* (ALS) e do *Esboço de Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (EALMG).
- b) a importância da localidade no Estado ou na região, incluindo-se cidades de grande e médio porte, lingüisticamente representativas, como as capitais de Estado, entre as quais se excluem apenas duas, de criação recente: o Distrito Federal e Palmas, capital do Tocantins;
- c) os limites interestaduais e internacionais.

A recolha de novas amostras em localidades anteriormente pesquisadas, com o registro de outros informantes, apesar das diferenças metodológicas entre os inquéritos realizados para a elaboração dos atlas regionais e os que se prevêem para o ALiB, pode fornecer dados importantes, tanto para a análise da variação fônica quanto da variação

léxico-semântica nas duas épocas, propiciando o estudo da tendência da mudança em tempo real de curta duração, a que se refere Labov (1994).

Busca-se flagrar a variação diatópica através de questões especificamente dirigidas à apuração de fatos que, em trabalhos anteriores, revelaram-se caracterizadores de áreas dialetais, como, por exemplo:

a) no nível fônico - a realização aberta ou fechada das vogais médias em distribuição pré-acentuada, a variação das consoantes em coda silábica, a palatalização das oclusivas dentais diante de vogal alta ou depois de semivogal anterior, como o demonstram, entre outras, as perguntas 4, 6, 11, 30, 46, 119, 120, 88, 156, 28, 89, 134, 61, 110, 55, 62, 77 do questionário fonético-fonológico (QFF) que se referem, respectivamente, a: **televisão, tesoura, elétrico, tomate, borboleta, coração; costas, rasgar, mesma, sal, azul, alta, calor, perdão, noite, tarde, muito.**

Pretende-se apurar também a diferença entonacional que, mesmo ao ouvido de não especialistas, identifica falantes de áreas diversas com questões de prosódia relativas a frases interrogativas, afirmativas e imperativas, elicitadas a partir do fornecimento ao informante de uma dada situação, como, por exemplo, para obtenção da frase interrogativa **Eu vou sair hoje, doutor?:**

Uma pessoa está internada em um hospital e quer saber do médico se vai sair naquele dia. Como é que pergunta?

b) no nível semântico-lexical - a existência de variantes como **zelação/velação, mãe do ouro, cometa, estrela filante** para “estrela cadente”; **tangerina, mexerica, laranja cravo, bergamota**, para “as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão...”; **lote, terreno e data**, para “a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade...”, que se pretende apurar através das perguntas 31, 39 e 199 do questionário semântico-lexical (QSL), respectivamente.

c) no nível morfossintático - a presença ou ausência de artigo diante de nome próprio ou a ocorrência de **tu** / **você** como pronome pessoal de segunda pessoa, objeto das questões 1, 2 e 24 do questionário morfossintático (QMS).

Para a depreensão da variação diagenérica, diageracional e diastrática, o ALiB não se restringe a um único tipo de informante, tal como fazia o que atualmente se identifica como dialectologia tradicional, mas inclui indivíduos dos dois gêneros, sistematicamente distribuídos — 552 homens e 552 mulheres —, de duas faixas etárias distanciadas entre si pelo menos 20 anos — uma mais nova, de 18 a 30 anos, e uma mais velha, de 50 a 65 anos — e, nas capitais de estado, de distintos graus de escolaridade — quatro informantes alfabetizados, com, no máximo, os quatro primeiros anos do curso básico, e quatro informantes de formação universitária.

Deixa-se de incluir, por razões operacionais — para não aumentar demasiadamente o número de informantes, dificultando a tarefa que já se apresenta bastante onerosa — o grupo intermediário de 31 a 50 anos, apesar da importância que se atribui a essa faixa em trabalhos de natureza sociolinguística, quer como mantenedora de um padrão mais conservador, considerado de maior prestígio, quer, no caso de mudanças de cima, como usuária das variantes mais inovadoras.

Como é a norma em trabalhos desse tipo — a não ser quando se considera a oposição entre diatopia estática e diatopia dinâmica, como no *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* —, os informantes devem ser naturais da região lingüística pesquisada, da qual não se tenham afastado por mais de um terço de suas vidas, filhos de pais preferentemente da mesma região lingüística que eles. Os afastamentos e tempos de permanência fora da localidade são controlados pela ficha do informante.

A variação diafásica, especialmente nos níveis fônico e morfossintático, poderá ser depreendida, nos dados do ALiB, a partir do confronto entre os diferentes tipos de registros previstos, a saber:

- a) as respostas às indagações do inquiridor, no diálogo dirigido que constitui a maior parte do inquérito lingüístico e que apresenta, muitas vezes, algum grau de tensão e formalidade, sobretudo nos momentos iniciais;
- b) as elocuições mais descontraídas e mais coloquiais, obtidas do informante em relatos pessoais sobre um momento marcante da vida; em comentários à atuação política de um governante ou a um programa de televisão; em descrição de sua atividade profissional; em relatos de fatos ocorridos com outrem, temas a serem sugeridos pelo inquiridor, na parte final do inquérito;
- c) a leitura de uma versão adaptada da parábola conhecida como ‘Parábola dos Sete Vimes’;
- d) a descrição de gravuras, procedimento previsto para o registro de variantes morfossintáticas.

A variação diarreferencial, que busca relacionar a língua-objeto, documentada no discurso do informante, e o conhecimento deste sobre a sua realidade lingüística, pode ser depreendida nas respostas a seis questões de natureza metalingüística sobre o modo de falar local, as pessoas que ‘falam diferente’ na localidade ou em outras áreas, e os exemplos que, segundo o informante, marcam essa diferença.

Quanto aos questionários, instrumentos de suma importância na recolha de dados empíricos, optou-se, no ALiB, pela redação prévia de todas as perguntas, admitindo, com esse procedimento, obter, em todo o país, respostas inteiramente intercomparáveis.

Cabe, no entanto, ao inquiridor fazer as adaptações necessárias à realidade da área, às dificuldades surgidas no momento do inquérito ou a uma resposta anteriormente ouvida.

Algumas questões já prevêem a utilização de uma resposta anterior, como, por exemplo, as referentes a **mandioca** e **aipim** (no. 50 e 51 do QSL, respectivamente):

50. MANDIOCA / AIPIM - Como se chama aqui aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?

51. MANDIOCA - Como se chama aqui aquela raiz parecida com ___ (*cf. item 50*) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?

Outras perguntas contêm mais de uma hipótese de formulação, como, por exemplo a 102 do questionário fonético-fonológico, que procura apurar a variação **questão**/**qüestão**, assim formulada:

Quando duas pessoas têm um desentendimento, uma briga, um problema, elas procuram um juiz para resolver a ___?; Quando você / o(a) senhor(a) não quer muito uma coisa, você / o(a) senhor(a) diz: Eu não faço ___.

Os questionários contemplam, basicamente, dois tipos de pergunta:

- a) a que solicita ao informante a denominação usual na área — tipo mais freqüentemente utilizado —, como, por exemplo, em **mandioca, aipim**;
- b) a que espera que o informante complete a elocução do inquiridor com um determinado vocábulo, utilizado principalmente no QFF, em perguntas como a referente a **questão/qüestão**, já citada.

Utilizam-se, quando necessário, os recursos de mímica, como em **rasgar** (perg. 88 do QFF) ou de apresentação de objetos, como na que se refere a **grampo (com pressão)**, também identificado em algumas áreas como **ramona** ou **misse** (perg. 192 do QSL):

RASGAR: Fazer assim (*mímica*) em um papel é ___?

GRAMPO (COM PRESSÃO) / RAMONA / MISSE - Como se chama aqui um objeto fino de metal, para prender o cabelo? *Mostrar*.

Inquéritos experimentais

Um outro aspecto a ressaltar, na metodologia do ALiB, é a realização de inquéritos experimentais que, além de fornecerem dados para o conhecimento da realidade lingüística brasileira, têm atendido a dois objetivos principais:

- a) o de aprimorar os questionários, apontando defeitos e dificuldades que têm sido sistematicamente discutidos pelas equipes e determinaram diversas revisões e a publicação de três versões sucessivas, em 1998, em 2000 e em 2001.
- b) o de contribuir para a formação de pesquisadores, tanto aqueles diretamente ligados à recolha de dados para o ALiB, em muitos casos, bolsistas de Iniciação Científica, quanto os integrantes de grupos voltados para a elaboração de atlas lingüísticos regionais.

Desse modo, pode-se concluir que, ao lado do grande aporte de dados lingüísticos e histórico-etnográficos que se espera obter com a recolha sistemática em 250 localidades e a 1.104 informantes, a discussão do Projeto ALiB, em reuniões científicas de maior ou menor amplitude — seminários internos com bolsistas, reuniões do Comitê Nacional, simpósios e congressos — vem despertando o interesse pelos estudos dialectológicos no Brasil, quer para os que se direcionam para a realização de atlas lingüísticos regionais, quer para monografias apresentadas em cursos de pós-graduação, entendendo-se que o conhecimento da realidade lingüística de cada região, em uma micro-visão obtida em trabalhos desse tipo, completará a perspectiva mais ampla adotada pelo Projeto ALiB.

Referências bibliográficas

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.
- ARAGÃO, Maria do Socorro; MENEZES, Cleuza. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: Ed.UEL, 2001.
- ELIZAICÍN, Adolfo; THUN, Harald. *Atlas Lingüístico y diatópico del Uruguay*. t. I, fasc. A1. Kiel: Westensee, 2000.
- FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MOTA, Jacyra; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia / Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change*. v. I – Internal Factors. Cambridge: Blackwell, 1994.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- _____. *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*. v. 1. Rio de Janeiro: Casa de Ruy Barbosa, 1958.
- ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura - Instituto Nacional do Livro, 1963.
- ZÁGARI, Mário Roberto; RIBEIRO, José; L.; PASSINI, José; GAIO, Antônio Pereira. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. vol. 1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa / Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.